

herói de Paul Bourget. E é esse, aos olhos dos bem-pensantes, o pecado por excelência, a fonte da “decadência”: a ruptura dos diques da moral e da religião, que atribuíam a cada ser e a cada coisa seu lugar numa ordem imutável. Ao “vago das paixões” do romantismo sucedeu, nos decadentes, o indefinido do desejo. O nevoeiro, onipresente nos poemas do *Cancioneiro*, nevoeiro que cobre tudo no final da *Mensagem*, é o da decadência. Para Pessoa ela vai ser a delícia da criação poética e a um tempo a doença mortal da cultura. É o veneno e seu antídoto. A aventura mental de Pessoa começa onde acaba a de Bourget. Este propõe ao leitor, como único remédio, a fé ingênua da mãe de Robert Greslou, que Adrien Sixte vê rezar, ajoelhada diante do corpo do jovem. Ao invés, não é virando imediatamente as costas à “decadência” que o poeta vai buscar reconstruir um universo espiritual, mas sim indo até o fim da crise, até o fim do nevoeiro, até o fim da noite, a exemplo dos navegadores portugueses da época dos Descobrimentos. Se não consegue satisfazer-se com o jogo “mórbido” da decadência, não é para acalmar ou acalmar-se, para achar o conforto intelectual de uma medida humana, mas sim para voltar a partir para cada vez mais longe em espírito. Sua “modernidade” reside nessa distância, nesse infinito de diferença.

O mérito de Nordau foi o de lhe fazer ver claramente o esgotamento da cultura ocidental, chegada ao fim de um percurso de dois milênios. Max Nordau, médico judeu húngaro de cultura alemã, instalou-se em Paris em 1880, com a idade de trinta anos, e abriu um consultório médico. É lá que escreve, primeiro, *As Mentiras Convencionais da Civilização* (1883) e, depois, os dois volumes de *Entartung* (*Degenerescência*, 1892), imediatamente traduzidos para francês, os quais o tornam célebre em toda a Europa. Discípulo do fundador do sionismo, Theodor Herzl, evoluirá para um profetismo apocalíptico que o levará a predizer, com quarenta anos de antecedência, a tragédia da *Shoah*, sem que ninguém lhe queira dar ouvidos.¹¹ No livro de 1892 invoca Lombroso, que apaixonara um Pessoa ainda muito jovem quando o lera em Durban, mas não se lhe encontram as tonalidades que o fundador da criminologia moderna introduzia em suas análises. Está mais próximo de Bourget que de Verlaine. Para ele a “degenerescência” exclui o “gênio”. Só o gênio é produtivo; a dege-

¹¹Cf. *L'Esprit viennois*, de William M. Johnson, PUF, pp. 422 e 599.

nerescência é mortal para a civilização. O gênio é racional, objetivo, humanista, moral. A degenerescência é fruto do irracional, da sentimentalidade, da sensualidade, do misticismo e do imoralismo. Entre os artistas “degenerados” que Nordau estigmatiza encontram-se todos aqueles de quem Pessoa se sente próximo. Paradoxalmente é Hitler quem levará até o fim a lógica desse intelectual judeu sionista.

O mal de Nordau foi não ter visto a ambigüidade da “decadência”, de que a “degenerescência” é apenas a vertente negativa. Mas é exatamente esse erro que alerta Pessoa. É então que ele tem a intuição que vai orientar-lhe a estética e levá-lo, após o encontro com Sá-Carneiro, à criação de *Orpheu*: a história da cultura processa-se por ciclos sucessivos, através de crises que marcam ao mesmo tempo o fim de um mundo antigo e o começo de um mundo novo. Se a semente não morre... Situa-se naquela viragem na evolução de nossa cultura que é a um tempo fratura e junção. Segundo sua hipótese, “todo o progresso se baseia numa degenerescência”. Ele assume a herança do passado, de que toma ainda como modelo as realizações de maior êxito, mas reivindica-o, pelo menos provisoriamente, nos anos 1914-1916, em sua forma mais provocante, a da doença infantil da nova cultura que é a vanguarda. “Nordau caiu no mais flagrante e grosseiro dos erros [...]. Confundiu um movimento de progresso [...] com um movimento de regressão; tomou o princípio, hesitante e perplexo como todos os começos, de uma nova forma de arte por uma arte já feita [...]. Viu os elementos de decadência que o movimento simbolista continha — o que pouco o elogia, porque esses elementos são flagrantes — e não viu o que, por detrás desses elementos, faz de Dante Gabriel Rossetti um grande poeta, e um grande poeta de Paul Verlaine.”¹² Pessoa viveu o drama da decadência no espírito e quase se poderia dizer na carne, em sua dupla dimensão de morte e de renascimento. Nos poetas e artistas decadentes o que ele odeia e o que ama formam um todo; é a mesma coisa — mas é também o que ele ama e o que odeia em si mesmo, no próprio gosto, na própria inspiração, no próprio estilo.

Considerando o somatório de pensamentos, de interrogações, de intuições e de emoções que agitam o espírito do jovem Pessoa nesse

¹²OPP, II, 149.